

Gilberto Vieira, Presidente das Casas Açorianas

“Turismo rural nos Açores está consolidado, mas há ainda entraves a um maior crescimento”

Gilberto Vieira, Presidente da Associação Casas Açorianas, organismo que congrega as várias unidades de turismo rural na região, concedeu uma entrevista à revista Turisver, conduzida por José Luis Elias, onde faz um balanço do sector relativamente a este ano de 2019 e aponta alguns dos pontos que deviam ser corrigidos, com vista a um maior crescimento do turismo rural nos Açores. É esta entrevista que transcrevemos a seguir.

Hoje em dia, pode dizer-se que as Casas Açorianas já têm uma oferta de alojamento consolidada?

Pelo trabalho que tem vindo a ser desenvolvido até agora pelos nossos associados, quer individualmente quer no âmbito da nossa associação, bem como pela procura paulatinamente crescente que as nossas unidades têm vindo a registar e pelo feedback positivo e, tantas vezes, mesmo entusiástico creio ser legítimo afirmar que a nossa oferta está consolidada nos Açores.

Essa consolidação, no entanto, não nos impede de tentar trabalhar sempre mais e melhor no sentido de uma crescente afirmação do produto Casas Açorianas junto do mercado.

Já se pode ter uma ideia de como correu o ano turístico para as unidades de alojamento que integram a Associação?

Sim. De um modo geral, neste ano de 2019 voltou a registar-se um crescimento moderado na procura pelas unidades nossas associadas.

O que aconteceu este ano foi que a oferta cresceu exponencialmente ao nível de outros tipos de alojamento, o que pode ter tido influência para que não houvesse um aumento mais acentuado da procura ao nível do nosso produto.

Quais são, neste momento, os vossos principais mercados turísticos e como é que se tem caracterizado a procura por parte dos turistas portugueses?

Sem ser exactamente igual para todas as unidades que compõem as Casas Açorianas, a percepção é de que há uma predominância de turistas provenientes da Alemanha, Holanda, França, Espanha, Itália, Suíça e Grã-Bretanha.

A estes que, de alguma forma são já mercados que podemos considerar consolidados, juntam-se mercados emergentes como os Estados Unidos da América, o Canadá e a Bélgica que apresentam números muito interessantes.

No entanto, um dos nossos principais mercados continua a ser o nacional e este ano notou-se um acréscimo significativo de procura por parte dos nossos compatriotas, depois de termos assistido a uma quebra acentuada durante os anos da crise económica.

Quais têm sido as principais tarefas a que Associação tem dado primazia, nomeadamente no que toca a medidas que podem contribuir para



uma maior projecção da oferta do Turismo Rural nos Açores?

A Associação assumiu, desde o início, o lema de que as nossas casas são a nossa melhor promoção. Pode parecer lírico, mas na prática isso traduz-se num compromisso de apresentar aos nossos clientes um produto verdadeiramente diferenciado e de qualidade elevada.

E implementámos, mesmo, um processo de classificação de qualidade a cargo de uma entidade externa que avalia o desempenho de cada unidade ao nível dos parâmetros por todos assumidos.

Claro que esse esforço por parte de cada um dos nossos associados de pouco valeria se não houvesse divulgação desta oferta. Nesse sentido, viemos, ao longo dos anos, apostando nas novas tecnologias, em diversas plataformas, acompanhando sempre o progresso das mesmas e tentando passar uma mensagem simples, mas com alma.

Dispomos de uma sede aberta para apoiar os turistas que procuram informação sobre as nossas unidades e, ao mesmo tempo, para prestar colaboração aos associados, a diversos níveis.

O Governo Regional dos Açores tem ajudado na organização e projecção deste segmento da oferta?

Naturalmente. O Governo Regional é o nosso principal parceiro desde que, há alguns anos, reconheceu que o turismo rural e de natureza é uma âncora fundamental para o já de si apelativo destino Açores.

Felizmente houve essa percepção que permitiu trabalharmos em conjunto para o investimento no sector e, sobretudo, para uma eficaz promoção de um produto tão especial.

Quais são hoje em dia os maiores obstáculos que se colocam a um maior crescimento do Turismo Rural nos Açores?

Há vários factores que de certa forma funcionam como entraves a um maior crescimento do Turismo Rural.

Um deles é o surgimento de novas tipologias de alojamento, mesmo em espaço rural, mas com menos exigências legais e de convicção, que captam parte do mercado que inicialmente po-

deria estar nos alojamentos de turismo rural e de natureza.

Por outro lado há também o crescimento significativo do número de unidades hoteleiras convencionais que, pela crescente concorrência que enfrentam, deterioram os preços, ficando mais apelativo para os clientes optar por esses alojamentos, muitas vezes com a dormida incluída em pacotes ainda mais tentadores.

Neste contexto, importa divulgar ainda mais a excelência do produto que é o turismo rural e de natureza nos Açores, porque existe realmente muita gente interessada em viver a experiência singular que isso representa.

Como é que as Casas Açorianas podem contribuir mais para a promoção do turismo, nomeadamente do turismo sustentável nos Açores?

Podemos contribuir através do nosso exemplo até agora, por aquilo que nos propomos fazer no futuro para garantir a mesma autenticidade, qualidade e envolvimento com o meio natural e harmoniosamente humanizado, factores que são decisivos para a sustentabilidade, um conceito que defendemos e praticamos desde o início.

Já podemos afirmar que o Turismo Rural e as Casas Açorianas, são uma peça diferenciadora e fundamental da promoção dos Açores?

Sem querer ser eu a “gabar a noiva” pelo papel que as Casas Açorianas, com o empenho de todos os seus associados, desempenharam e desempenham nesse processo, creio ser consensual que o turismo rural e a nossa associação estão, de facto, na vanguarda dessa diferenciação.

Quem procura o turismo rural tem uma inserção num meio ambiente mais genuíno, e desfruta mais daquilo que é a oferta turística dos Açores?

Sem dúvida. Contacto com a natureza em formas surpreendentes, interacção com um legado de humanização profícua e pachorrenta, dois dedos de conversa com gente receptiva, simpática e sincera, uma gastronomia nascida da terra e do mar em que os produtos simples e saudáveis ganham sabores incríveis pelas mãos que replicam saberes ancestrais, sossego e segurança a somar a tudo isto, creio que são ingredientes praticamente imbatíveis no panorama turístico à escala global.